

Associação Nacional de História – ANPUH XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Melhoramentos Urbanos e Política Local: o jornal “A Idéia Nova”, Diamantina, MG, 1906-1910.

James William Goodwin Junior*

Resumo

A imprensa do início do século XX conservou, Brasil afora, o papel de tribuna política daqueles que a redigiam, e dos grupos aos quais as redações estavam ligadas. Em 1906, surgiu em Diamantina, MG, o jornal “A Idéia Nova”, como porta-voz da oposição local, a qual assumiu o governo municipal pouco tempo depois. A questão dos melhoramentos urbanos era recorrente em seu discurso político, primeiro como denúncia das falhas da administração local, depois como exaltação do novo grupo no poder. Mantido o estilo bem-humorado de escrita, houve uma mudança de tom, decorrente do posicionamento da redação na política local. Além desse jogo de prós e contras os textos nos permitem perceber como os articulistas do jornal compreendiam o espaço urbano, seu uso de conceitos em voga à época (tais como “progresso” e “civilização”), sua postura face às novidades tecnológicas e aos “sinais visíveis de civilização”. As marcas deixadas no papel ajudam-nos a interpretar o tipo de cidade que os “homens de imprensa” de então queriam imprimir na realidade local.

Palavras-chave: Diamantina, MG; Imprensa; Melhoramentos urbanos

Abstract

Early 20th century press kept, in many parts of Brazil, the role of political stand for those who wrote it, and for the groups related to the editorial board. In 1906 Diamantina, Minas Gerais, the newspaper “A Idéia Nova” (“The New Idea”) became the spokesperson for the local opposition, which took over the municipal government shortly after. Urban improvements were a recurrent theme in its political agenda, first pointing the flaws of the local administration, afterwards as evidence of success for the new group in power. Although the spirited writing was kept, there is an obvious change in tone, caused by the different position occupied by the newspaper in local politics. Beyond this game of pros and cons the texts allow us to perceive how the newspaper writers understood urban space, their use of then fashionable concepts (such as “progress” and “civilization”), their stand regarding technological novelties and the “visible signs of civilization”. The marks left on paper help us understand the kind of city the newsmen of that period wanted to impress on local reality.

Key-words: Diamantina, MG; Press; Urban improvement

1. Diamantina: política e imprensa

No início do século XX, Diamantina, tradicional pólo do centro-nordeste de Minas Gerais, viveu intensa reorganização de sua economia, suas perspectivas econômicas e sua identidade sócio-cultural. A grave crise da década de 1870, com a queda dos preços dos diamantes e do algodão no mercado mundial, levaram as elites locais a diversificarem suas

* Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG, Belo Horizonte, MG. Mestre em História – UFMG; Doutorando em História – USP.

atividades, buscando alternativas para a sobrevivência política e econômica da cidade. Do bispado aos empresários e negociantes, foram feitos investimentos em fábricas têxteis, diversificação de produtos e mercados, busca de linhas de crédito, além do apelo às instâncias públicas por obras de infra-estrutura, necessárias ao desenvolvimento regional, tais como ferrovias, estradas, eletrificação etc. (ver LIBBY, 1988; MARTINS, 2004; FERNANDES, 2005; GOODWIN Jr., 2006).

As forças políticas locais dividiam-se em dois grupos: os partidários do senador Olympio Mourão, reunidos no *Club 21 de Abril*, conhecidos como os 69; e a aliança das famílias Matta Machado e Caldeira Brant, reunidas na agremiação *Delenda Cartago*, apelidados por seus opositores de 45. Conforme o historiador local Soter Couto, os “*seus nomes tiveram origem no número de sócios que compareceram à primeira reunião*” (COUTO, 2002, p. 133).

Olímpio Julio de Oliveira Mourão começou sua atividade política como membro do Partido Liberal imperial.¹ Foi uma das lideranças do movimento abolicionista na região; eleito vereador, tornou-se vice-presidente da Câmara. Depois de um tempo na Sub-Administração dos Correios na cidade, voltou à Câmara Municipal, tornando-se Agente Executivo – reeleito quatro vezes. Deputado estadual de 1898 a 1902, tornou-se senador; recusou o convite de Silviano Brandão, ex-Presidente do Estado, para ocupar uma cadeira como Deputado federal. Destituído pela Revolução de 1930, permaneceu como forte liderança regional.

O outro grupo era capitaneado por Pedro da Matta Machado, um dos fundadores do jornal *A Idéa Nova*, defensor da política do Presidente do Estado, João Pinheiro.² Estudante de Direito em São Paulo, presenciara a deposição do último governante provincial, General Couto de Magalhães, oriundo da região de Diamantina. Filiado ao Partido Republicano Mineiro, foi eleito Presidente da Intendência Municipal, renunciou alguns anos depois, pela intensificação dos conflitos políticos locais. Elegeu-se Senador estadual em 1907, Deputado federal em 1912, reeleito Senador estadual em 1915, e Deputado federal em 1919. Ao final do mandato, abandonou a carreira política, retornando somente após a Revolução de 1930. Sua principal preocupação, em suas publicações e na política, era a valorização da agricultura e o desenvolvimento econômico – donde o mote do jornal, publicado abaixo do título: “*A Independencia Nacional é função da Economia Nacional*”. Sob seu governo na Câmara

¹ Diamantina, 08/03/1857 – Belo Horizonte, 05/09/1933. Um dos seus filhos, Olympio de Mourão Filho, destacou-se na vida político-militar brasileira.

² Diamantina, 29/01/1865 – Belo Horizonte, 16/06/1944. Da fundação do jornal participaram vários membros da família Caldeira Brant.

Municipal, foram realizadas obras de reforma e infra-estrutura, algumas de grande impacto na reorganização urbana de Diamantina.

Tendo os Matta Machado e os Caldeira Brant à frente, o jornal *A Idéa Nova* “*iniciou em 1907 uma campanha política contra a situação municipal com uma parodia do Luziadas*” (Fundo José Teixeira Neves. Caixa 4, envelope 2), utilizando editoriais para denunciar erros e arbitrariedades cometidas pela Câmara Municipal. Notícias (e os comentários que as seguiam) comparavam a situação de Diamantina com outros centros urbanos, destacando os problemas locais e reclamações atribuídas a populares que procuravam a redação.

Em 1908, quando o grupo ligado à *A Idéa Nova* assumiu a Câmara, o discurso mudou, passando a exaltar as ações da Municipalidade, especialmente as reformas urbanas e o desenvolvimento local. O senador Olympio Mourão e seus aliados contra-atacaram através do jornal *O Norte*, fundado naquele ano. Em 1910 *A Idéa Nova* entrou em campanha pela eleição de Vicente Torres, contra o candidato do grupo “olimpiano”, mas foi derrotada.

O breve período abordado permite-nos observar a atuação política do periódico: contra o governo local, como voz do governo local, e em campanha para assim se manter. A escrita era bem humorada. Tema constante era a relação da cidade com o desenvolvimento econômico-tecnológico – o Progresso; e com a Civilização, palavra-chave para os bons modos burgueses, a educação escolar, a cultura formal, o respeito às regras de convivência cidadinas etc. Interessa-nos, aqui, perceber como os “homens de imprensa” utilizavam-se desses conceitos como arma para atingir seus adversários, ou exaltar seus aliados. Prática que nos revela a profundidade – e os limites – da penetração desses conceitos entre as elites letradas, formando uma “cidade de papel” que, para os redatores d’*A Idéa Nova*, modelaria a cidade de pedra, madeira, gente e alguns animais.

2. Oposição

Os textos publicados, quando a redação militava na oposição à Câmara Municipal, apontavam constantemente falhas no trato com a cidade. No exemplo abaixo, o tom é quase de pilhéria, a colocar em xeque a existência de um poder público, zeloso do ambiente urbano e do bem comum – ausência suprida pela ação individual, providenciando aquilo que a Edilidade não parecia ser capaz de fazer:

Pedem-nos que perguntemos ao sr. Agente Executivo se, por medida economica, foi votada ultimamente alguma lei suprimindo a iluminação publica na cidade, afim de que cada família trate de fazer aquisição de uma lanterna, indispensavel àquelles que têm necessidade de sahir á rua depois das 7 horas da noite. (A Idéa Nova, 22/07/1906)

Um mês antes, os redatores já haviam denunciado a ausência do poder público noutra área da manutenção urbana, a conservação das ruas:

Escrevem-nos:

"Quem subisse, domingo transacto, a rua da Luz, ficaria impressionado com o movimento insolito que a animava. // Sua população, composta, em geral, de gente pobre, aproveitava o dia para concertar a rua, afim de que pudesse dar transito á procissão do Mez de Maria. // Era interessante presenciar aquelle ardor e era edificante ver o povo trabalhar, certo e convencido de que a Camara... não tem obrigação de mandar tapar os buracos das ruas. // Mas, que fará, sr. Redactor, o governo municipal com o dinheiro que cobra do contribuinte? // Faz politicagem?! // Faz parque?!...." (A Idéa Nova, 03/06/1906)

Faltava ação para fazer funcionar os postes de iluminação, faltava também na rua da Luz. Quem tomava as providências necessárias era a própria população local. Movidos pelo ardor religioso, os moradores faziam os remendos necessários à passagem da procissão mariana. Sarcasticamente, o autor aludia à suposta convicção da população da irresponsabilidade da Câmara quanto ao cuidado com as vias urbanas.

Nas perguntas que fecham o texto, sua ponta mais afiada: que era feito com o dinheiro arrecadado? Politicagem? Em ambos os textos, o autor sugere o mau uso do dinheiro público; insinua mesmo que os vereadores estivessem utilizando o erário público para sustentar-se no poder – acusação muito comum à época. A pergunta final questionava o próprio modelo de urbanização que se implantava em Diamantina. Poucas linhas acima, aludia-se à pobreza dos moradores da íngreme rua da Luz. Estaria a Câmara Municipal gastando o dinheiro necessário ao cuidado com esta população, em obras de embelezamento visual da cidade? Qual a prioridade das intervenções urbanas a serem realizadas: o belo ou o útil?

Lembremos que no ambiente cultural do início do século XX, o embelezamento urbano não era apenas um elemento estético. Para os padrões da *Belle Époque*, uma cidade civilizada deveria ser um lugar limpo, organizado e regrado, com espaços adequados ao cultivo da sociabilidade burguesa: encontros, passeios, bailes e saraus. Construir um parque, numa cidade cujo espaço urbano preservava as marcas coloniais da constituição espacial, significava abrir espaços modernos no tecido urbano: a cidade civilizava-se. Ou, dito de outra forma, buscava apresentar uma face mais aburguesada. Se levarmos em conta o texto acima, esta opção se fazia às custas das ruas nas áreas periféricas da cidade...

Os avanços tecnológicos despertavam entusiasmo ainda maior. Como Hardman argumenta, as máquinas e equipamentos pareciam possuir o dom de encarnar tornar palpável o progresso, de encarnar em suas peças de metal a inexorabilidade das mudanças que transformariam, para melhor, a vida das pessoas que a elas tivessem acesso. O “*maquinismo como espetáculo*” cria as condições nas quais “*a técnica se desgarras das formas que a*

produziram e assume feição sobrenatural”, como que ganhando vida própria (HARDMAN, 2005: 26, 51).

Tal deslumbramento era compartilhado por toda a elite cultural diamantinense, o que não impedia que os redatores d’*A Idéa Nova* percebessem o uso político dos sinais visíveis de civilização. Ao contestar isso, acabavam por revelar os limites da visão quase mágica da tecnologia, quando confrontada com os problemas locais – falta de iluminação, buracos nas ruas, os dois ao mesmo tempo...

Panacéa municipal [...] Pois senhores, se Oswaldo Faria descobriu a transformação das correntes sucessivas em simultaneas, se Santos Dumont resolveu o problema da dirigibilidade dos balões, não os invejamos nós filhos de Diamantina. As dificuldades que outros procuram resolver com medidas multiplas e diversas, nós afastamos de um golpe, empregando um só remedio e pouco dispendioso – telephones. [...] Assim, se os habitantes do Rio Grande fizerem o seguinte requerimento:

“Illm. E Exm. Sr. Agente Executivo Municipal.

Nós, moradores do Rio Grande, nesta cidade, vimos pedir a V. Exa. Se digne baixar suas vistas ao pessimo estado das ruas deste bairro e á falta de illuminação, que nos priva de transitar á noute sem risco imminente de deixarmos uma perna nos profundos fossos, que armam ciladas á distracção dos transeuntes.”

Será este o despacho: “Sim. Oportunamente se installará no Rio Grande uma estação telephonica”. (A Idéa Nova, 07/04/1907)

O Rio Grande, área periférica de Diamantina, certamente se beneficiaria de uma estação telefônica. Mas os outros problemas continuariam: o espetáculo puro e simples não poderia solucioná-los.

3. Situação

A vitória eleitoral do grupo Matta Machado e Caldeira Brant pelo controle da Câmara Municipal não alterou o tom irônico com que *A Idéa Nova* tratava das polêmicas locais. Seus opositores políticos, além de “olimpianos” e 69, eram conhecidos também como os “estradas de ferro”, pois haviam prometido conseguir a extensão da ferrovia até a cidade. O projeto esteve perto de ser aprovado pelo Império em 1889, mas a proclamação da República, e o tumultuado período administrativo que se seguiu, afastou os investidores estrangeiros. Todavia, em 1905 foi inaugurada a estação ferroviária em Currálinho (atual Corinto), permitindo uma ligação mais rápida da região com a capital estadual, a capital federal e seus portos. Ao final da década de 1900, foram formalizados os projetos de extensão das obras serra acima, em direção a Diamantina. Este fato foi tratado pel’*A Idéa Nova* como uma conquista da nova Câmara Municipal, por seus contatos políticos junto ao governo estadual. E serviu de pretexto para uma provocação irônica aos seus adversários políticos, utilizando-se

do telefone – implantado pela administração anterior – para marcar o fracasso do grupo rival, denunciando as promessas vazias que teriam sido feitas quando a ferrovia estava distante:

E. F. Diamantina

Conversa ouvida no telefone:

- *Triin... triin... triiiiiiiiiinn...*
- *Allô!*
- *Allô!*
- *Quem fala ahi em Dattas?*
- *Sou eu A. C.*
- *Já soube do contracto da estrada?*
- *Já. Este arraial está em festas.*
- *E aqui tambem ha um festão!*
- *Ouve lá. O Manoelzinho ainda offerece o tunnel?*
- *Qual! Já desistiu. Tambem o L. A. já não dá mais os dormentes...*
- *Pudera!*
- *Bem. Até logo!*
- *Até logo!*

Abelhudo. (A Idéa Nova, 18/07/1909)

As obras da ligação ferroviária – só completadas em 1914 – não foram o único sucesso comemorado pela redação. Ao longo de 1910, o jornal deu ampla cobertura ao processo de eletrificação da cidade, acompanhando regularmente cada etapa do processo. Na reclamação embutida na alvissareira notícia abaixo, percebemos o impacto das obras na área central de Diamantina – onde o problema de iluminação continuava, apesar da iminente solução:

Luz Electrica // Devem chegar hoje, no Rio, todos os machinismos e materiaes destinados á installação deste grande melhoramento, que Diamantina, dentro em breve, irá possuir. // Os trabalhos prosseguem com grande actividade aqui na cidade e na Boa Vista.

A proposito, pedimos aos srs. Ramos, Guerra, Araujo & Comp., proprietarios desta empreza recommendar aos trabalhadores do largo Conselheiro Matta Machado e de outros lugares, para não deixarem no meio da rua os postes que estão preparando, pois quem faz este pedido, já deu com a cannela em um delles e obedece a reclamações de muita gente que teve o mesmo gosto em noites escuras... (A Idéa Nova, 10/04/1910)

O clima de “canteiro de obras” em que teria se transformado o centro urbano foi claramente retratado numa longa lista das ações da Câmara Municipal, apoiada pelo jornal. Aqui encontramos, de forma exemplar, duas características recorrentes do jornal: o tom quase cômico da narrativa, e a deliberada intenção de atingir seus adversários políticos, os quais estariam sendo “levados à loucura” pela eficiência do grupo que administrava a cidade:

Um 69 entra em sua casa fulo de raiva, arquejante, com os olhos inflamados, a bocca espumante e aos berros..... // – Que é isto, Fulano? Acodem assustados os da familia. // – Desaforo! desaforo! os 45 são uns bandidos, são uns... imaginem que voltava de um banho ao Rio Grande e encontrei a ladeira toda concertada como nunca esteve, isto só para agradar ao Lulú Damaso; para agradar ao João Hypolito e ao Mello, o Mercado está um brinco; no Largo do Grupo Escolar vi estarem pintando postes para a installação da illuminação electrica, mas os canalhas querem é agradar à casa Ramos, Guerra, Araujo e Comp: no alto da Rua do Bomfim olhei para baixo e reparei que para adular o Levy a Rua do Amparo está ficando tão bem calçada que quasi tive um ataque de raiva; subi a Rua das Mercês,

para espaiar, mas qual! vi lá o dedo dos 45 nos concertos dessa rua, só para agradar o Zezé Menezes; furioso, quasi doudo, embarafustei-me pela Rua do Coqueiro e como na carreira louca em que ia, não tropecei em buracos, notei que os miseraveis reformaram completamente a rua para agradar o Dr. Motta; vendo que a rua estava concertada até a porta do Dr. Athayde, para bajulal-o, voei para a Samambaia e ahi vi que os biltres cortaram uma grande barreira, abrindo um caminho para agradar... para agradar... o Celino Horta; atravessei o C[ilegível], voei pela Grupiara, sem saber onde pisava e ahi notei que a passagem estava mais larga, para agradar... canalhas... para desagradar os que dalli faziam um nauseabundo mictorio; dous amigos seguraram-me nos braços, quando dei acorde de mim estava com a cabeça em baixo de uma das torneiras do Macau, que os bandidos fizeram para agradar o Edmundo Horta. // Canalhas! bandidos! miseraveis! ladrões... em toda parte melhoramentos; nos districtos dizem que é a mesma cousa, biltres! // É verdade que esses gatunos ainda deixaram algumas ruas sem reparo, mas se, Deus nos livre e guarde, elles continuarem na Camara, são capazes de concertar tudo, já se viu uma cousa destas!? // Soccorro! soccorro! valha-nos Deus! está louco! Acudam! bradaram os da familia, bromureto, bromureto... // Foi o que ouviu o nosso reporter que correu para compor estas notas na Idéa Nova. (A Idéa Nova, 12/06/1910)

Atenção à inversão realizada pelo “repórter”/autor do texto, que se apropriou das acusações de favorecimento pessoal – as quais talvez estivessem sendo feitas pelos adversários políticos, nas ruas ou nas páginas de seus jornais. Através de uma inteligente redação elas foram reduzidas a ridículas manifestações de impotência, diante das reformas que transformavam o espaço urbano diamantinense num ambiente de bem viver, característico de uma cidade civilizada.

4. Progresso e Política

O ano de 1910 marcou, também, a campanha pela manutenção do grupo apoiado pela *Idéa Nova* à frente da Câmara Municipal. Os textos tornaram-se mais pesados, chegando aos ataques pessoais, como nesta resposta a um comentário publicado pelo jornal *Diamantina*, ligado ao adversário:

Boa piada! // O jornal do sr. Olympio Mourão chamou o coronel Augusto Caldeira “negociante atrazado, que nunca viu festas, etc.” // Atrazado sempre foi o sr. Olympio Mourão, que nunca sahiu de Diamantina a não ser para Bello Horizonte e isto mesmo depois de velho; até quarenta e tantos annos o sympathico senador nunca tinha visto nem bondes, nem carros, nem locomotivas, nem jardins, nem nada que constitue o progresso de uma cidade. // Talvez seja este um dos motivos por que elle administrou com tanta competencia o nosso municipio durante 12 annos, a ponto do povo de Diamantina ficar tão satisfeito que fez a esse prestigioso senador as celebres e imponentes manifestações de 1º e 22 de novembro, 31 de dezembro de 1907, e 1º de janeiro de 1908. // O sr. Mourão é um político tão adeantado que o único districto em que elle já teve forte prestigio – o Rio Preto – admirado e pasmo de tanto adeantamento mandou-o ás urtigas e ampara valentemente o coronel Augusto Caldeira. // A Diamantina, sim, é hoje uma cidade adeantada; e para provar lançamos ao sr. Moura o seguinte desafio: // Si quizer, famos no proximo domingo uma eleição seria e fiscalizada, apresentado-se S. Ex. ou outro qualquer 69 contra o sr. Vicente Torres. // Si formos derrotados, abandonamos a politica. (A Idéa Nova, 19/06/1910)

Além das disputas políticas e das ofensas, interessa-nos aquilo que “*constitue o progresso de uma cidade*”: bondes, carros, locomotivas, jardins, o que poderia ser visto em centros urbanos mais adiantados. Tecnologia e embelezamento, os sinais mais visíveis daquilo que os “homens de imprensa” diamantinenses consideravam uma cidade civilizada. Familiarizar-se com esses equipamentos e espaços urbanos seria a medida do “*atrazo*” ou “*adeantamento*”, de um homem ou de uma cidade. A partir daquele mês de junho de 1910, as vinhetas da candidatura de Vicente Torres, espalhadas em todas as páginas d’*A Idéa Nova*, passaram a ostentar novos lemas: “*Os amantes do progresso do município*”, ou “*Os progressistas*”.

A derrota para o grupo “olimpiano” nas eleições de 1910 revela que o discurso do grupo apoiado pelo jornal *A Idéa Nova* carecia de maior base política, talvez por não conseguir a penetração social que pretendia. Mais do que isso, a disputa revela-nos os limites do compromisso dos próprios “homens de imprensa” com o progresso e as mudanças sócio-culturais. A tentativa de desconstrução de Cosme, o candidato 69, baseou-se em ser ele maçom, que não guardaria o domingo, enquanto Vicente Torres prestava serviços regulares à igreja; o jornal chegou a aventar a possibilidade do corte de verbas municipais para a procissão do *Corpus Christi*, além da regulamentação do toque dos sinos (*A Idéa Nova*, 17/07/1910). Princípios republicanos, a separação entre Estado e Igreja e o caráter laico do espaço urbano, foram utilizados para despertar temor e rejeição na população tradicionalmente católica de Diamantina.

Fosse apenas jogo político, ou expressão da formação dos membros da elite culta, esta postura da redação d’*A Idéa Nova* contrariava os ideais de modernidade e progresso que tão arduamente pretendia defender. A cidade civilizada que os “homens de imprensa” desejavam imprimir aos diamantinenses revelava, nas suas páginas, os conceitos de Progresso e Civilização difundidos pelas elites locais, além das suas incoerências e limitações.

Fontes documentais

Acervo Soter Couto. UEMG/FEVALE/Centro de Pesquisa. Diamantina, MG.

A Idéa Nova. 1906-1912.

Biblioteca Antônio Torres. IPHAN-Diamantina. Diamantina, MG.

A Idéa Nova. 1906-1912.

Fundo José Teixeira Neves. Cadernetas 4, 5 e 8 [sem data]. Biblioteca Antônio Torres. IPHAN-Diamantina, MG.

Fundo José Teixeira Neves. Caixa 4, envelope 2 [jornais não separados/(262 fls.), sem data]. Biblioteca Antônio Torres. IPHAN-Diamantina, MG.

Referências Bibliográficas

COUTO, Soter Ramos. *Vultos e fatos de Diamantina*. Edição revista e ampliada. Belo Horizonte, Armazém de Idéias, 2002.

FERNANDES, Antônio Carlos. “Entre o turbulento e a chaminé: a ação do Bispado no processo de constituição da modernidade em Diamantina. 1864-1917.” Orientadora: Prof^a. Dr^a. Thaís Cougo Velloso Pimentel. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte, Departamento de História/FAFICH/UFMG, 2005. (mimeo)

HARDMAN, Francisco Foot. *Trem-Fantasma*. A ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva. 2^a. ed. revista e ampliada. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

GOODWIN Jr., James William. Novos produtos para novos tempos: anúncios em jornais diamantinenses, 1900-1914. IN: *SEMINÁRIO SOBRE A ECONOMIA MINEIRA, 11: 2004*, Diamantina, MG. Anais...UFMG / CEDEPLAR, 2004. CD-ROM.

GOODWIN Jr., James William. Postes fincados, bichos soltos: representações do espaço urbano na imprensa local. Diamantina e Juiz de Fora, 1880-1914. IN: XV Encontro Regional de História. *Anais Eletrônicos*. ANPUH-MG / UFSJ, São João Del-Rei, 10 a 15 de julho de 2006.

LIBBY, Douglas Cole. *Transformação e Trabalho em uma Economia Escravista* (Minas Gerais no Século XIX). São Paulo, Editora Brasiliense, 1988.

MARTINS, Marcos Lobato. Os negócios do diamante e os homens de fortuna na praça de Diamantina, MG: 1870-1970. Orientador: Prof. Dr. Antônio Penalves Rocha. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História Econômica. São Paulo, FFLCH/USP, 2004. (mimeo)

MATTA MACHADO, João da. *Memórias*. Compilado e publicado por Fernando da Matta Machado, sem data.

MOURÃO, Miguel Augusto de Miranda. *A saga dos Mourão*. Edição do autor, sem data.

SANTOS, Dayse Lúcida Silva. Entre a norma e o desejo: estudo das tensões no relacionamento conjugal em Diamantina de 1863 a 1933. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Júnia Ferreira Furtado. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte, Departamento de História/FAFICH/UFMG, 2003. (mimeo)

SOUZA, José Moreira de. *Cidade: momentos e processos*. Serro e Diamantina na formação do Norte Mineiro no século XIX. São Paulo, ANPOCS / Marco Zero, 1993.